

O NORDESTE DESIGUAL

Prof. Sérgio Augusto Pereira de Borja

O Nordeste está cada vez mais desigual. É uma região tão carente com desequilíbrios climáticos tão graves que levam, inevitavelmente, a um desequilíbrio sócio-econômico, com reflexos agudos no seu desenvolvimento. Certamente é o campeão brasileiro, onde a concentração e a má distribuição da renda ostenta os maiores desequilíbrios, já historicamente endêmicos, no país.

A comunidade nacional, desde o Brasil império, tem sido sensível ao problema da seca. Se formos contabilizar o número de açudes construídos, somados todos os governos, certamente a área ultrapassaria a de muitos mares. Alguns ironicamente chamam a isto de indústria da seca. Outros, já desanimados, com o sorvedouro sem fim de dinheiro, questionam-se até que ponto o homem pode modificar o clima. Outros, ainda, contemplando seus próprios estados, no sul maravilha, constatam que possuem nordestes dentro de suas próprias fronteiras. É o caso do Rio Grande do Sul, com toda sua região sul, com níveis de desenvolvimento ainda estagnados que recordam o começo do século. Aí é que começa o questionamento: Como continuar com os programas de incentivo, tipo SUDENE, e tantos outros mais, se existe uma situação econômica gravíssima dentro de nossas próprias fronteiras?! Se o crescimento populacional explosivo do norte do Rio Grande do Sul, transborda, através das migrações internas, criando um cinturão de fome nas cidades, que é reciclado para o campo sob o nome de colonos sem terra. Como poderemos continuar a salvar a terra dos outros se estamos perdendo a nossa? Aí está a origem da explosão estatística da violência incontrolável que estamos vivendo, tanto no campo como na cidade.

Contabilize-se, como somatório, a guerra de incentivos fiscais que roubam nossas indústrias e a nossa má inserção na política externa de comércio da União, desvantajosa para o Rio Grande, em razão de nosso perfil produtivo e os danos daí advindos: quebra da atividade primária, quebra da indústria de laticínios, quebra da indústria de enlatados e conservas, quebra da indústria calçadista e tantas outras mais. Contabilize-se, ainda, a drenagem fiscal de recursos e tributos, a fundo perdido, que é retirado do sul e enviado para outras regiões na forma de incentivos. Certamente muitos ficariam surpresos com a incompetência na gestão destes recursos, como ficaram surpresos os países que compõem o G-7 e o FMI, com a corrupção e o desperdício na gestão de recursos, não pelo público, mas pela atividade privada mesmo, nos ex-Trigres Asiáticos.

Mas o Nordeste não é só desigual para menos. Como dizia Euclides da Cunha, o nordestino é antes de tudo um forte. Pois o Nordeste é forte de voto. A Constituição de 1988, absorveu o teor de seu artigo 45 da ditadura militar e conforme o comando legal ali disposto, discricionariamente, uma equação que torna os nordestinos, por uma alquimia de déspotas esclarecidos, com seu peso eleitoral multiplicado, em certos casos, por centenas. Enquanto que um deputado federal é eleito no sul com mais de 150.000 votos, como quociente eleitoral, no nordeste às vezes nem 40.000 para tanto. Nove milhões de gaúchos valem 35 representantes federais somados entre deputados e senadores, no entanto, este mesmo número de cidadãos, os mesmos nove milhões, produzem no Nordeste ou no Norte, a quantia de no mínimo de 77 representantes federais, somando-se deputados e senadores. O art.14 da CF de 1988 diz que o voto será exercido com valor igual para todos, no entanto um nordestino vale dois e em alguns casos como São Paulo até mais. Este regime eleitoral, através da proporcionalidade ali instituída e amplamente demonstrada é que cria alterações violentas e injustas na federação brasileira. O pior é que isto tende a agravar-se cada vez mais com o tempo pois o Brasil é uma pirâmide invertida, onde a base fica no norte, com toda extensão de terra e seu vazio populacional, sendo que o ápice fica no sul, com toda a concentração demográfica. Assim, com o permissivo constitucional de art.18, parágrafo 3º, podemos ter para futuro uma fábrica de estados, que com a proporcionalidade instituída no art.45, parágrafo primeiro, instituem *ad perpetuam* o domínio do vazio demográfico sobre a densidade demográfica, numa inversão e subversão de toda a teoria e prática constitucional. Agrava a situação a condição posta pelo poder, que tem sede de maior poder, não escutando a voz da razão nem abrindo mão de nenhuma parcela de sua força. É o poder pelo poder auto-justificando-se. Um senador do Amazonas, da região Norte, quando questionado a este respeito, em entrevista na Voz do Brasil, disse que se diminuísse o seu peso em votos seu estado se separaria da União.

Esta configuração nas distorções começa a manifestar-se na política partidária. São os fenômenos Sarney, Collor e o cardeal, digo, senador Antônio Carlos da Bahia (carinhosamente apelidado de Sinhozinho ou Toninho Malvadeza), a eminência parda em todos os regimens administrando o pecúlio constitucional de votos. Recentemente constatamos o surgimento da candidatura Ciro Gomes, do Nordeste. Quem o acompanha: Roberto Freire, do PPS, o Miguel Arraes do PSB, do Ceará, a Erundina, ex-PT hoje PSB, da embaixada nordestina em São Paulo, sendo que o chefe da campanha ou estrategista é o professor de Harvard Roberto Mangabeira Unger, também do Nordeste. Num ato paradoxal que na realidade não tem nada disto e que desvela a realidade encoberta o Presidente do PMDB, aquele de Mombaça, do Ceará, deputado Paes de Andrade, afirmou que está disposto a deixar de lado as divergências regionais com o ex-ministro Ciro Gomes para conversar sobre sucessão presidencial.

A política do café com leite da velha república foi substituída a olhos vistos, pela política da farofa com girimum ou do vatapá com carurú e muita pimenta! A linha ideológica deste saco de gatos nordestinos é o Nordeste mesmo, acima de tudo. Mas esta distinção não fomos nós que criamos, foram os próprios nordestinos, porque, realmente o Nordeste está cada vez mais desigual, tanto para menos, como para mais. Recentemente foi criado pelo Ministério das Relações Exteriores uma Representação do Ministério das Relações Exteriores no Nordeste - o ERENE. Pasmem!! Tem até home-page na Internet: <http://www.mre.gov.br/erene/erene.htm>. Tudo sob a justificativa de uma "diplomacia federativa", conforme Lampreia. O Nordeste já não é mais uma região dentro da federação, é um país, tal o seu poder e a força política, de seus votos e de seu Vice-Presidente da República, o Dr. Marco Maciel, que é o padrinho da iniciativa do Sr. Ministro Luiz Felipe Lampreia. Certamente em razão da maior proximidade com a Europa e com os EUA, juntamente com o SEBRAI, na cidade de Recife, instalou-se desde 1995 mais este polo de incentivo a igualdade entre os estados da federação brasileira.

Perguntamos assim aos nossos políticos? Por que não instalam aqui no Rio Grande, na Campanha, o país dos velhos caudilhos, com embaixada e tudo. Temos tradição: o velho embaixador Batista Luzardo, o Joaquim de Assis Brasil, o Gaspar da Silveira Martins. Mas não vamos falar só dos maragatos, por que também temos os chimangos Oswaldo Aranha e o João Neves da Fontoura. Ou será

que o João Francisco, o tropeiro Honório Lemes, o taura Flores da Cunha, ou até mesmo, o nosso Bento Gonçalves, como fantasmas redivivos terão de vir puchar o poncho destes gaúchos dorminhocos, gritando bem alto: Acorda Rio Grande !!! Este é o ônus geopolítico fatal de nosso isolamento meridional. Será que o Brasil só nos escuta, como sempre foi tradicionalmente, quando falamos grosso?! Foi assim nas revoluções de 1835, em 1893, 1923 e em 1930 .

- prof. Sérgio Borja
- Professor de Teoria Geral do Estado, Ciência Política e Direito Constitucional na PUC/RS; Professor de Instituições de Direito Privado e Comercial na UFRGS. tel/fax res: (051) 2 23 26 10; (051) 3 16 35 55

Publicado no Jornal RS - de 1998.